

Questões semânticas sobre tempo e aspecto em português brasileiro

Roberlei Alves Bertucci

Submetido em 19 de agosto de 2016.

Aceito para publicação em 30 de novembro de 2016.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 52, dezembro de 2016. p. 65-89

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
 - (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
 - (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
 - (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.
-

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>
Sexta-feira, 30 de dezembro de 2016
23:59:59

QUESTÕES SEMÂNTICAS SOBRE TEMPO E ASPECTO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

SEMANTIC ISSUES ON TENSE AND ASPECT IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Roberlei Alves Bertucci¹

RESUMO: *Este trabalho visa analisar a categoria de tempo, no nível semântico, trazendo propostas de análises sobre tempo e aspecto verbal, além da categoria de verbos auxiliares, especialmente em português brasileiro. A partir da proposta de Klein (1994), vamos tratar tempo e aspecto como noções relacionais, levando em conta os momentos de fala, situação e tópico. Apresentaremos, ainda, a distinção clássica entre aspecto gramatical e lexical, por meio das características essenciais dessas categorias, acrescentando, ainda, o modo como estão relacionadas na expressão temporal de uma língua. Finalmente, apresentaremos uma breve análise de alguns verbos auxiliares em português brasileiro, dando ênfase naqueles cuja contribuição seja na expressão do tempo e dos aspectos nessa língua.*

PALAVRAS-CHAVE: *tempo; tempo verbal; aspecto verbal; verbos auxiliares.*

ABSTRACT: *This work aims to analyze the category of time, in Semantic perspective, presenting some proposals about verbal tense and aspect; we also analyze the category of auxiliaries, focusing on Brazilian Portuguese. We assume tense and aspect as relational notions (Klein 1994), considering three distinct intervals of time, namely, time of utterance, time of situation and time of topic. Moreover, we present the classical distinction between grammatical aspect and lexical aspect, since there are some essential features which can differentiate them. We also show how these categories are related to the expression of time in a language. Lastly, we present a short analysis about some auxiliaries verbs in Brazilian Portuguese, focusing on those whose semantic contribution are related to tense and aspect in that language.*

KEYWORDS: *time; tense; verbal aspect; auxiliaries verbs.*

O que é realmente o tempo? Quem poderia explicá-lo de modo fácil e breve? Quem poderia captar seu conceito para exprimi-lo em palavras? No entanto, que assunto mais familiar e mais conhecido em nossas conversações? Sem dúvida, nós o compreendemos quando dele falamos, e compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. Por conseguinte, o que é o tempo? Se ninguém me pergunta,

¹ Professor na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, doutor pela Universidade de São Paulo, bertucci@utfpr.edu.br.

eu sei; porém, se quero explicá-lo a quem me pergunta, então não sei.

Agostinho de Hipona

1. Introdução

A epígrafe de Agostinho é um exemplo de que o tempo, presente em todas as atividades que fazemos, sempre foi algo de difícil explicação. O objetivo deste artigo é contribuir para a compreensão do tempo do ponto de vista linguístico. Procuraremos discutir essa categoria, tão cara para as gramáticas da língua, a partir de algumas propostas teóricas que abordam as noções de tempo e aspecto nas línguas naturais, dando ênfase às características do português brasileiro (PB).

Embora a análise sobre tempo e aspecto não seja recente para a língua em questão, já que Castilho (1967; 2002), Pontes (1973), Ilari (1997), Travaglia (2006), Perini (2001; 2010), entre muitos outros, já dedicaram um bom espaço de sua pesquisa para o tema, traremos uma perspectiva semântica, mais alinhada à área formal, ainda que a intenção não seja a formalização propriamente dita.

Klein (2009) afirma que as experiências que os seres humanos fazem do tempo em suas vidas são expressas linguisticamente, por meio de elementos que tomam um papel específico na gramática de uma língua. Ainda que diferentes na expressão de determinadas noções, todas as línguas têm formas específicas de expressar o tempo: em chinês, por exemplo, a diferença entre passado, presente e futuro não é dada pela morfologia verbal, mas por adjuntos adverbiais e/ou partículas temporais (KLEIN 2009); em karitiana, língua de uma tribo indígena de Rondônia, não há distinção entre esses três momentos, mas apenas entre futuro e não-futuro (MÜLLER 2012). No entanto, não podemos dizer que tais línguas não possam expressar o presente, o passado e o futuro, já que fazem uso de outros recursos para essa codificação.

Qualquer falante do PB parece identificar a diferença entre as sentenças (1), a seguir.

- (1)
 - a. Quando eu cheguei, a luz *estava acesa*.
 - b. Quando eu chego, a luz *está acesa*.
 - c. Quando eu chegar, a luz *estará acesa*.

Enquanto a sentença (1a) está no passado (*estava acesa*), a sentença (1b) está no presente (*está acesa*) e aquela (1c) está no futuro (*estará acesa*). Vemos que o verbo *estar* carrega a morfologia que diferencia os três tempos, mas ainda poderíamos pensar: que características linguísticas distinguem esses três tempos verbais? Na mesma linha de raciocínio, também parece evidente que o falante consiga identificar as diferenças entre as sentenças em (2), a seguir.

- (2)
 - a. Quando eu cheguei, o João *estava estudando*.
 - b. Quando eu cheguei, o João *tinha estudado*.
 - c. Ontem, o João *estudou*.

Se, de um lado, a sentença (2a) mostra que o ato de João estudar deve ter começado antes da chegada do falante e se estendeu até depois, a sentença (2b) afirma que a mesma ação de João foi concluída anteriormente à chegada do falante. Finalmente, (2c) mostra que o estudo de João é uma ação que está circunscrita ao período de ontem (provavelmente, é uma das diversas atividades que João praticou no dia). As questões que se colocam são: o que essas diferenças linguísticas falam das nossas experiências no mundo? Qual suporte teórico podemos utilizar para sustentar uma explicação linguística desses casos? Isso é o que pretendemos ver adiante, neste artigo.

As questões aqui colocadas são um norte para o que nos propomos seguir neste artigo: apontar alguns caminhos para uma teoria que analise as categorias de tempo e aspecto, de modo a tornar o leitor um pouco mais apto a responder aos questionamentos de Santo Agostinho (ainda que apenas do ponto de vista linguístico).

O trabalho se organiza assim: na seção 1, trataremos das noções temporais, discutindo a proposta de Klein (1994) para a análise dos tempos nas línguas naturais. Na seção 2, vamos analisar as questões referentes ao aspecto verbal, aqui, dividido em aspecto gramatical e aspecto lexical. Nesse sentido, as duas primeiras seções fazem uma revisão da literatura, aparecendo, também, como uma indicação do modelo de análise. Finalmente, na última seção, faremos uma análise de verbos auxiliares, retomando pontos das questões precedentes, especialmente da importância da teoria utilizada para a análise dessa categoria.

2. Tempo

Neste artigo, vamos assumir a proposta de Klein (1994) para a análise sobre tempo e aspecto gramatical nas línguas naturais. O autor retoma a discussão sobre tempo e aspecto já feita por Reinchenbach (1947), em que se propunha que tais categorias eram dadas a partir da relação entre intervalos de tempo, mais precisamente, o momento de fala, o momento do evento e o momento de referência. Klein (1994, p. 3) desenvolve essa proposta, sugerindo que

tempo pode ser definido em termos de relações temporais, como antes, depois e simultâneo, e *aspecto*, em termos de anterioridade, inclusão ou posterioridade, por exemplo. A maior diferença entre tempo e aspecto seria em relação a que momento estão relacionados.

Para Klein (1994), tempo e aspecto devem ser pensados a partir de três momentos distintos: o momento de tópico (TT), que é o momento sobre o qual o falante faz a asserção; o momento de fala (TU), o momento em que o falante pronuncia a sentença e o momento da situação (TSit), relacionado ao evento descrito na sentença.²

Esses intervalos podem ser relativamente fáceis de serem reconhecidos nas línguas naturais, ou pelo menos, todo falante, ao fazer uso da língua, lança mão de tais momentos para construir suas sentenças. Nas sentenças em (1), por exemplo, repetidas a seguir, o momento de tópico é dado pela oração subordinada temporal, que inicia as sentenças

² TT é o equivalente a *Time of Topic*, TU, a *Time of Utterance* e TSit, *Time of the Situation*, em inglês.

(*Quando eu cheguei/chego/chegar*). Veja que, de fato, elas são um exemplo claro de que a caracterização do fato da luz estar acesa é feito sempre com relação a esse momento de tópico. Por isso, Klein (1994) dirá que esse é o momento sobre o qual se faz uma asserção, ou seja, é o intervalo de tempo que serve de referência para analisarmos o evento expresso.

- (1) a. Quando eu cheguei, a luz *estava acesa*.
 b. Quando eu chego, a luz *está acesa*.
 c. Quando eu chegar, a luz *estará acesa*.

Com a apresentação acima, fica claro para todos nós que o tempo verbal da sentença principal (*a luz estava/está/estará acesa*) tem relação direta com o tempo da oração subordinada, que, aqui, se constitui como o momento de tópico. Dessa forma, fica demonstrada a relevância do momento de tópico para a análise do tempo e do aspecto nas línguas.³

Por sua vez, o momento de fala é o intervalo de tempo em que a sentença é pronunciada, portanto, o momento no tempo em que alguém fala sobre o evento em questão. Se você olhar para as sentenças em (1) e pronunciá-las agora, esse agora será o momento de fala delas. Claro que isso não significa que o momento de fala é sempre o agora. Por exemplo, se você disse algo ontem, do tipo *Amanhã, vou estudar linguística*, o momento de fala dessa sentença foi ontem, no momento em que você a pronunciou. E esse *amanhã*, por consequência, é *hoje*. Em síntese, portanto, o momento de fala é o intervalo de tempo em que a sentença foi pronunciada pelo falante (ou lida por ela, dependendo do contexto).

O momento de situação, por sua vez, é o intervalo de tempo relativo ao evento em si. Em (1), dizemos que o momento da situação é por *a luz estar acesa*. O infinitivo, aqui, apresenta o evento “nu”, sem morfologia, o que permite que a situação possa ser modificada, conforme também se modifique o momento de tópico, tal como bem observamos nas sentenças. Assim, ao considerarmos que a situação não tem um intervalo de tempo especificado por si mesmo, permitimos que a escolha de um momento de tópico específico altere a morfologia verbal da sentença principal, tal como mostramos alguns parágrafos antes. Finalmente, é importante observar que, por ser um estado, esse evento não tem uma duração definida, já que a luz pode ficar acesa por 1s, 1min, 1h, 1dia, ou até o momento em que a lâmpada queimar.

Klein (1994) defende que o tempo de uma sentença é dado pela relação entre seu momento de tópico (TT) e seu momento de fala (TU). Como dissemos, no caso das sentenças em (1), o TT é o momento em que o falante chega, marcado pela oração subordinada temporal. Tomando os exemplos em (1), repetidos como (4-6), vamos aplicar a noção de Klein para a análise do tempo nas línguas. Acrescentaremos aos exemplos em (a), uma figura em (b), que pode ajudar a compreender a posição do evento no tempo, em relação ao momento de fala.⁴

³ Um parecerista desta revista afirma não ter percebido a diferença entre o momento de tópico de Klein e o momento de referência de Reichenbach. De fato, Klein (1994), em seu trabalho, explora o conceito reichenbachniano para os estudos linguísticos.

⁴ Todas as figuras apresentadas neste trabalho foram feitas pelo autor.

- (4) a. Quando eu cheguei, a luz *estava acesa*.
b.



Figura 1 – Expressão do passado

Se o tempo é a relação entre TT e TU, podemos dizer que, quando o TT é anterior ao TU ($TT < TU$), a sentença aparece no passado (4a). De fato, o que a sentença (4a) enuncia é que o TT (*quando eu cheguei*) é anterior ao TU (agora, por exemplo). Logo, a situação descrita (*a luz estar acesa*) deve ser marcada no passado, tal como vemos em *a luz estava acesa*. A figura em (4b) ilustra a relação de anterioridade de TT (chegada) em relação a TU (agora), o que leva TSit a ser marcado no passado.

Vejam os exemplos no presente.

- (5) a. Quando eu chego, a luz *está acesa*.
b.

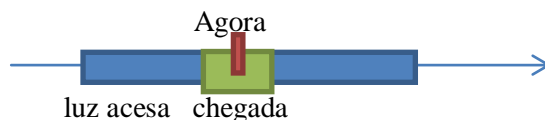


Figura 2 – Expressão do presente

Considerando a mesma relação entre TT e TU, podemos dizer que quando o TU está incluído no TT ($TU \subseteq TT$), a sentença é formulada no presente. A sentença (5a) apresenta o TT (*quando eu chego*) no presente, o que equivale ao TU (agora).⁵ Essa relação leva o evento (*a luz estar acesa*) a ser expresso nesse mesmo tempo (*a luz está acesa*). A figura em (5b) ilustra a relação de inclusão do momento de fala (agora) no momento de tópico (chegada), o que leva a situação a ser descrita no presente.

Observemos, por fim, o exemplo no futuro.

- (6) a. Quando eu chegar, a luz *estará acesa*.
b.

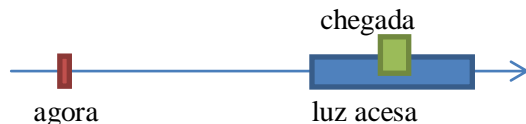


Figura 3 – Expressão do futuro

⁵ Um parecerista da *Cadernos do IL* indica que o uso do “agora” pode ser inapropriado, já que podemos usar o presente em casos como: “Quando eu chego lá, ontem, o que eu vejo? A luz está acesa”. Vamos assumir que o presente do indicativo, em (5), tem uma noção de repetição, diferente do presente histórico indicado pelo revisor. Sugerimos Ferreira (2016) para uma abordagem formal sobre a noção de presente.

Por fim, ao se colocar o TT numa posição posterior ao TU ($TT > TU$), a sentença aparece no futuro (6a). Como observamos, o TT de (6a) está no futuro (*quando eu chegar*), o que leva a situação a ser colocada numa posição também posterior ao TU (agora), daí o uso da morfologia de futuro (*a luz estará acesa*). A figura em (6b) ilustra o fato de TT (chegada) ser posterior ao TU (agora), o que leva o evento a ser descrito no futuro.

Neste momento, o leitor, perspicaz que é, deve estar questionando o seguinte: se tempo é dado por relações de anterioridade (passado), simultaneidade (presente) e posterioridade (futuro), como explicar os diferentes tipos de passado (7), de presente (8) ou de futuro (9)?

- (7) a. O João cantou.
b. O João cantava.
c. O João estava cantando.
d. O João tinha cantado.
e. O João acabou de cantar.
- (8) a. O João canta.
b. O João está cantando.
- (9) a. O João cantará.
b. O João vai cantar.
c. O João irá cantar.

Bem, a resposta para essa diferença, de fato, não pode ser dada apenas tomando a noção de tempo. Por isso, teremos que tratar de questões relativas a aspecto, que é outra dimensão temporal expressa pelas línguas naturais, o que pode nos ajudar a explicar alguns dos casos acima, como (7-8). Faremos isso na seção seguinte. Por outro lado, os casos com o futuro (9) são mais específicos e podem estar relacionados a algum grau de formalidade ou modalidade da língua, o que veremos na seção específica sobre o tema. Não custa lembrar que, na última seção, trataremos especificamente de verbos auxiliares, levando em conta, claro, as discussões já realizadas nas seções precedentes.

Resumindo

Seguindo a proposta de Klein (1994), a expressão do tempo é feita linguisticamente a partir da relação entre momento de tópico (TT) e momento de fala (TU). As noções de presente, passado e futuro podem ser resumidas no quadro 1, a seguir.

Tempo	Relação
PRESENTE	$TU \subseteq TT$
PASSADO	$TT < TU$

FUTURO	TU<TT
--------	-------

Quadro 1 – Relações na expressão do tempo

3. Aspecto

O aspecto é uma forma de se expressar a temporalidade dos eventos, além da noção mais simples de presente, passado e futuro. Na literatura sobre o tema, costumamos encontrar uma diferença importante entre dois tipos de aspecto: o **aspecto gramatical**, cuja característica básica é apresentar marcas temporais relativas ao evento considerando o momento de tópico, por meio de uma morfologia ou sintaxe específica, e o **aspecto lexical**, cuja característica básica é apresentar noções temporais relativas à forma como as línguas expressam os eventos no mundo no léxico ou em sintagmas, mas sem haver, necessariamente, morfologia e sintaxe específicas. Começaremos pelo primeiro tipo de aspecto.

3.1. Aspecto gramatical

O aspecto gramatical recebe esse nome basicamente por conta do modo de expressão nas línguas naturais: em geral, as noções de perfectividade ou imperfectividade são expressas diretamente pela gramática da língua e são visíveis a partir da sua morfologia e/ou sintaxe. Na literatura, era comum que fosse considerado o aspecto da situação, mostrando uma visualização interna do evento (e sua temporalidade), sem que houvesse qualquer relação possível entre intervalos de tempo a serem estabelecidas para a análise do aspecto gramatical, tal como há para as noções de tempo.

Diferentemente de outras propostas na literatura, que consideram apenas o tempo como uma categoria relacional (COMRIE, 1976, SMITH 1997, entre outros), Klein (1994) propõe que o **aspecto gramatical** também seja dado por uma relação, mas, nesse caso, entre o TT e o TSit de uma sentença. O autor explora essa questão por considerar as definições sobre aspecto na literatura muito imprecisas e difíceis de serem verificadas na sentença. Por exemplo, para Klein (1994), i) aspecto não pode ser definido como “diferentes maneiras de visualizar a constituição temporal interna” (COMRIE, 1976, p. 3); ii) aspecto perfectivo não deve ser entendido como aquele que “olha do lado de fora da situação, sem distinguir, necessariamente, sua estrutura interna” (COMRIE, 1976, P. 3); iii) nem aspecto imperfectivo deve ser definido como aquele que “olha do lado de dentro da situação e, como tal, diz respeito à estrutura interna da situação”. (COMRIE, 1976, p. 4).

Abandonando tais classificações e considerando que aspecto seja a relação entre TT e TSit, o autor propõe que as noções aspectuais sejam analisadas a partir da inclusão, anterioridade ou posterioridade entre esses intervalos de tempo. Nesse sentido, Klein (1994) sugere definições para algumas subcategorias de aspecto gramatical; vamos começar por duas das mais analisadas na literatura: perfectivo e imperfectivo. O primeiro

recebe esse nome por estar descrito de forma completa (perfeita, portanto), de modo que o ouvinte sabe que o evento deve ter começado e terminado num período de tempo específico. O segundo, de forma oposta, recebe o nome da ideia de que não se sabe quando o evento começou, nem quando terminaria. Para Klein (1994), essas noções são mais bem esclarecidas, quando se considera que: i) se o TSit está incluído no TT ($TSit \subseteq TT$), temos o aspecto perfectivo (10a); e ii) se o TT está incluído no TSit ($TT \subseteq TSit$), temos o imperfectivo (11a). Inserimos as figuras de representação, para contribuir com as explicações que vêm a seguir,

- (10) a. Ontem na festa da escola, João *cantou*.
b.



Figura 4 – Expressão do aspecto perfectivo

Em (10a), a sentença mostra que o evento de João cantar, que tem um intervalo de tempo específico, está incluído num intervalo de tempo maior, que é a duração da festa ocorrida ontem. Veja que esse evento relativo a João pode ser considerado um entre vários outros que ele deve ter desenvolvido na festa (chegar na festa, comprar uma bebida, conversar com alguém etc.). O que vemos, claramente, é que o evento de João cantar, que é a situação em evidência, ou seja, é TSit, está inserido completamente no evento da festa, que é o momento de tópico (TT). É exatamente isso que a representação em (10b) mostra: TSit (João cantar) está inserido em TT (ontem/festa), ilustração típica do aspecto perfectivo ($TSit \subseteq TT$). O aspecto imperfectivo apresenta a relação oposta.

- (11) a. Quando eu cheguei na festa, João *estava cantando*.
b.

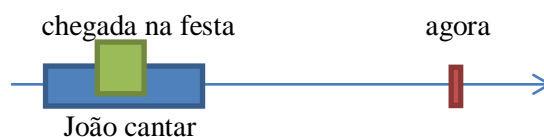


Figura 5 – Expressão do aspecto imperfectivo

A sentença em (11a) mostra que o evento de João cantar estava em curso quando da chegada do falante. Voltando à noção primeira do imperfectivo, a sentença não mostra quando João começou a cantar, nem mesmo se ele terminou (imagine que pode ter acabado a luz e ele não ter terminado a música). Assim, para Klein, a noção de imperfectividade deriva da relação de inclusão do momento de tópico (a chegada do falante) no momento da situação (João cantar). Essa relação é ilustrada na figura 5, em que o TT está incluído em TSit ($TT \subseteq TSit$).

Aqui, já percebemos uma diferença em pelo menos dois tipos de passado (e de aspecto), conforme questão levantada na seção anterior. Aliás, ainda não falamos das relações de tempo, porque queremos mostrar que, de fato, o aspecto tem relações distintas

do tempo. Mas, que tal aproveitar a lembrança para verificar outros tipos de passado? Observemos as sentenças a seguir.

- (12) a. Quando eu cheguei na festa, João *tinha cantado*.
 b. Neste exato momento, João *acabou de cantar*.
 c. Quando era adolescente, João *cantava*.

Se fizermos uma tentativa de análise dos casos acima, a partir da proposta de Klein (1994), verificamos que, intuitivamente, os casos acima têm distinções importantes com relação aos aspectos perfectivo e imperfectivo analisados antes. Enquanto em (12a) a ideia é de que o evento de João cantar ocorreu antes da chegada do falante na festa, a sentença em (12b) parece indicar que o mesmo evento teve seu fim muito próximo ao momento da fala. Por fim, o caso em (12c) também está no pretérito imperfecto, tal como (11a). No entanto, os falantes do PB certamente concordariam em dizer que *cantava* não poderia substituir *estava cantando* (e vice-versa) sem alteração de sentido. O uso do pretérito imperfecto (*cantava*) parece envolver uma noção de repetição ou persistência de um evento durante um certo período de tempo, sem uma noção de pontualidade como ocorre com *estava cantando*.

Para seguir o modelo de análise adotado, em que o aspecto gramatical é expresso a partir da relação entre TT e TSit, vamos considerar que o caso de *tinha cantado* em (12a) seja dado pela precedência do TSit em relação a TT, conforme demonstrado pela figura 6, a seguir.

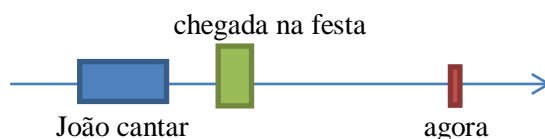


Figura 6 – Expressão do aspecto perfeito

Esse aspecto é chamado simplesmente de aspecto perfeito em linguística, (na gramática escolar é chamado de *pretérito mais-que-perfeito*). Sua característica é expressar que o intervalo de tempo relativo à situação precede o momento de tópico (TSit < TT). A diferença fundamental desse aspecto com o perfectivo é a relação entre esses dois momentos: enquanto no perfectivo o TSit precede o TT, no perfeito o TSit está incluído em TT (11).

Assim, com a construção *acabar de* + infinitivo, entendemos que o evento descrito (*João cantar*) é considerado imediatamente posterior ao momento de tópico (*neste exato momento*). De algum modo, ela tem semelhanças com o aspecto perfeito, porque o evento ocorre antes do momento de tópico. Mas, seu efeito de imediatez nos levará a marcá-lo de forma diferente, considerando-o como aspecto retrospectivo (LACA 2002; 2004).⁶ A figura 7 ilustra o aspecto retrospectivo apresentado na sentença (12b).

⁶ Em inglês, sentenças como *John has just arrived* podem ser traduzidas como *João acabou de chegar* e são uma das maneiras de se usar o presente perfeito naquela língua, um tipo de *tense* bastante complexo. Em PB, o aspecto retrospectivo tem características semelhantes ao presente perfeito dessa categoria, pela imediatez entre o TSit e TT.

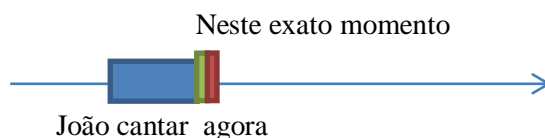


Figura 7 – Expressão do aspecto retrospectivo

A ilustração pretende mostrar que o intervalo relativo à situação de João cantar termina imediatamente antes do intervalo relativo ao tópico. No caso de (12b), o momento de tópico coincide com o momento de fala (agora), porque o falante está descrevendo a situação como concluída no instante em que profere a sentença (ou muito próxima desse momento). Por isso, vamos considerar que o aspecto retrospectivo seja dado pela relação por uma espécie de precedência imediata do momento da situação com relação ao momento de tópico (TSit $<_{imed}$ TT). *Grosso modo*, vamos assumir que esse tipo de precedência se dá quando o momento final de TSit encontra o momento inicial de TT. Veja que, nesse caso, um tópico no passado poderia levar a sentença a uma agramaticalidade, como se vê em (13a), a seguir. Por outro lado, a mudança no momento de tópico e na construção da situação, pode permitir que *acabar de* apareça marcando um evento no passado.⁷

- (13) a. *Ontem, na festa, João acabou de cantar.
 b. Ontem, quando cheguei na festa, João tinha acabado de cantar.

Percebemos que, em (13a), há uma incompatibilidade entre o momento de tópico da sentença e o momento de situação, por isso a sentença é ruim. Por outro lado, em (13b), com a inserção de um momento de tópico mais pontual, compatível com a ideia de imediatez exigida pelo aspecto retrospectivo, a sentença passa a ser aceita em PB. Assim, podemos concluir que o “passado” do aspecto retrospectivo diz respeito a uma imediatez entre o momento de ocorrência do evento e o momento de tópico (e não necessariamente com o tempo presente, apenas, como havíamos analisado em (12b)).

Para finalizar, vejamos o caso de (12c), repetida abaixo como (15a), com o pretérito imperfeito (*cantava*), em comparação com o aspecto imperfeito de (11a), repetida aqui como (14a). Vamos aproveitar para comparar os casos com momentos de tópicos invertidos.

- (14) a. Quando eu cheguei na festa, João *estava cantando*.
 b. *Quando era adolescente, João *estava cantando*.
- (15) a. Quando era adolescente, João *cantava*.
 b. #Quando eu cheguei na festa, João *cantava*.

⁷ Seguindo a literatura em linguística, vamos marcar sentenças agramaticais (impossíveis na língua) com um asterisco (*), sentenças ruins no contexto em análise (mas boas em outros) com uma hashtag (#) e sentenças sobre as quais temos dúvida a respeito da aceitabilidade na língua com interrogação (?).

Como já observamos anteriormente, o pretérito imperfeito no progressivo (*estava cantando*) é compatível com momentos de tópico pontuais, por isso aparece naturalmente em (14a), mas não em (14b). De fato, o período que compõe a adolescência de uma pessoa é maior do que o período que se leva para se chegar numa festa. Ou seja: enquanto a chegada é pontual, a adolescência é um intervalo de tempo bem mais longo. Por outro lado, o pretérito imperfeito simples (*cantava*) é compatível com momentos de tópico durativos, por isso aparece naturalmente em (15a), mas não em (15b).

A diferença na aceitabilidade de momentos de tópico entre uma construção e outra revela uma distinção naquilo que esses elementos expressam: enquanto o imperfeito no progressivo apresenta um evento que estava em desenvolvimento em relação a outro (característica do imperfectivo, como vimos), o imperfeito simples apresenta uma repetição (ou permanência) da situação durante um período de tempo específico.

Com esses exemplos, fechamos os tipos de “passado” sobre os quais gostaríamos de tratar nesse artigo. Agora, parece-nos interessante focar nas construções com progressivo, de modo a entender a diferença também de sentenças no presente.

Na literatura, o progressivo é um tipo do aspecto imperfectivo (COMRIE, 1976). Mas, neste trabalho, seguindo o que Klein (1994) propõe para o inglês e por não termos a intenção de discutir todos os pormenores das teorias em análise, estamos considerando que o progressivo seja a expressão típica desse aspecto em PB.⁸ Isso é importante porque pode ficar cada vez mais clara a distinção entre tempo e aspecto, já que o progressivo aparece em diferentes tempos verbais.

Vamos tomar a análise já feita para o imperfectivo para sistematizar a descrição sobre progressivo em PB: se a afirmação de que ele expressa o aspecto imperfectivo for verdadeira, a hipótese a se levantar é de que o progressivo só poderá ocorrer com intervalos de tópico pontuais. Quando aparecer com intervalos durativos, ou a sentença será ruim, ou disparará alguma alteração na leitura. Vamos analisar os casos em (16), a seguir.

- (16) a. Quando cheguei, João *estava cantando*.
 b. #Ontem, João *estava cantando*.
 c. Neste exato momento, João *está cantando*.
 d. #Hoje, João *está cantando*.
 e. Amanhã, às 13h, João *estará cantando*.
 f. #Amanhã, João *estará cantando*.

Como nos mostram os exemplos, as sentenças com momentos de tópicos pontuais são mais aceitáveis (16a;c;e). Por outro lado, as sentenças em (16b;d;f) são plenamente aceitáveis apenas se o falante estiver considerando um momento de tópico mais pontual, que pode ser conhecido no contexto. Por isso, se (16b) fosse algo como *Ontem, a essa hora, João estava cantando*, a sentença seria perfeitamente aceitável. O mesmo vale para as outras duas sentenças de leitura degradada.

Se é verdade, então, que o progressivo expressa o aspecto imperfectivo, como explicar a diferença entre (8a) e (8b), repetidas a seguir?

⁸ Klein (1994) não distingue *progressivo* de *imperfectivo* e coloca a perífrase *estar+gerúncio* (‘is+V-ing’, em inglês) como a expressão do imperfectivo. Por questão de simplicidade, vamos manter essa indistinção.

- (8) a. O João canta.
b. O João está cantando.

Ainda que não conseguíssemos explicar linguisticamente a distinção entre essas sentenças, sabemos, como falantes do PB, que a sentença em (8a) expressa uma noção de maior permanência que (8b). Em outras palavras, (8a) é verdadeira em contextos nos quais João é cantor (ou exerce essa atividade, ainda que de forma amadora). Por outro lado, (8b) é verdadeira em contextos nos quais o evento de João cantar esteja em curso no momento em que a sentença é pronunciada (TU). Por isso, enquanto casos como da sentença em (8a) apareceriam melhor com intervalos de tempo durativos ou de repetição (*desde que tinha 10 anos, sempre, todas as terças* etc.), enquanto aqueles como em (8b) figurariam melhor com intervalos pontuais (*neste exato momento, agora*), ainda que denotem repetição (*sempre que eu chego em casa*).⁹

Com isso, podemos concluir que, enquanto o progressivo descreve um evento em desenvolvimento, cujo fim pode ou não ser alcançado (característica do imperfectivo), o presente simples em PB denota situações que se repetem (ou permanecem) ao longo do tempo, constituindo-se uma constatação a partir da repetição dos fatos (característica das verdades científicas observáveis, dos estados e dos hábitos).

A pergunta que poderíamos fazer agora é: mas essas restrições do aspecto gramatical são pertinentes apenas às diferenças de intervalos de tempo? A negativa a essa resposta será permeada de uma análise bastante interessante sobre as línguas naturais a ser feita na seção seguinte: o aspecto lexical.

3.1.1 Resumindo

Nesta subseção (2.1), analisamos as características do aspecto gramatical, cuja expressão é dada pela relação entre o momento de tópico e momento de situação de uma sentença. Observamos alguns tipos de aspecto, apresentando a diferença de algumas construções típicas do PB. O quadro 2, a seguir, ilustra as relações estabelecidas na definição dos diferentes tipos de aspecto.

Aspecto	Relação
PERFECTIVO	$TSit \subseteq TT$
IMPERFECTIVO/PROGRESSIVO	$TT \subseteq TSit$
PERFEITO	$TSit < TT$
RETROSPECTIVO	$TSit <_{imed} TT$

Quadro 2 – Relações na expressão do aspecto gramatical

⁹ Parecem raros os casos do uso do presente simples para se referir ao exato momento da fala, como o de uma narração (*O jogador domina, chuta e a bola vai pra fora.*), sendo insuficientes para rechaçar a análise traçada aqui.

Finalmente, é importante destacar dois pontos na diferenciação aspectual em PB, especialmente se levarmos em conta a gramática escolar. Primeiro, enquanto o imperfeito no progressivo (*estava cantando*) apresenta um evento em desenvolvimento, o imperfeito simples (*cantava*) apresenta uma repetição da situação.¹⁰ Depois, de forma similar, enquanto o progressivo descreve um evento em desenvolvimento, o presente simples em PB denota situações que se repetem, constituindo-se uma constatação a partir da repetição dos fatos, ou seja, caracterizando situações habituais (*João nada*) ou genéricas (*Pássaros voam*), por exemplo.¹¹

3.2. Aspecto lexical

Na seção anterior, indicamos que há basicamente dois tipos de aspecto: um gramatical, que na proposta de Klein (1994) se dá na relação entre o momento de tópico e o momento de evento, e outro lexical, dado a partir das propriedades do predicado em si. É sobre o último que trataremos nesta seção.

Smith (1997) diz que o aspecto lexical diz respeito aos “tipos de situações”, também conhecidas por *Aktionsart*. Esses tipos de situações poderiam ser expressas linguisticamente a partir da proposta das quatro classes de verbos de Vendler (1957; 1967): *estados*, *atividades*, *accomplishments* e *achievements*. Para autores como Smith (1997) e Wachowicz e Foltran (2006), o aspecto lexical é dado pelo verbo, seus complementos e outros elementos que estejam envolvidos na composição do predicado, ou seja, pelo sintagma verbal (VP). Neste trabalho, ressaltamos que as classes vendlerianas (aspecto lexical) formam uma classe aspectual importante para a análise sobre tempo e aspecto (ROTHSTEIN 2004; WACHOWICZ e FOLTRAN 2006; WACHOWICZ 2008).

Rothstein (2004) propõe que as quatro classes de Vendler (*estados*, *achievements*, *atividades* e *accomplishments*) sejam divididas de acordo com duas propriedades básicas: telicidade e estágios (\pm télico; \pm estágios). Vamos assumir que telicidade seja dada pela presença clara de um ponto final (em grego, *telos*) em um evento denotado por uma expressão linguística. Em geral, esse ponto final é também associado a uma mudança de estado.

Assim, eventos como *escrever um soneto* ou *sair* possuem naturalmente um ponto final (nesse caso, uma mudança de estado) e sua duração dependem desse *telos*: quando o escritor escreve o último verso do poema, pode dizer que escreveu um soneto (ou tem um soneto pronto); por outro lado, o evento de *sair* só ocorre no exato momento em que a pessoa ultrapassar um limite específico (enquanto não o faz, não saiu).

Por outro lado, eventos atélicos, como *correr* ou *estar deitado*, são aqueles que não possuem um ponto final natural e sua duração é delimitada arbitrariamente: alguém pode correr por horas a fio (ou meses, como *Forrest Gump*), mas, em geral, as pessoas

¹⁰ Considerando o comentário de um dos revisores desta revista, vamos desconsiderar contextos em que a presença de quantificadores temporais possam caracterizar a repetição de um evento no progressivo, como em “João estava limpando o prédio todo sábado, mas foi dispensado”.

¹¹ Para uma análise formal sobre a relação entre progressivo, imperfectivo e presente, ver Ferreira (2016).

delimitam essas atividades (como 1h ou 2h por dia); alguém pode ficar deitado por um período de tempo indefinido (mas, novamente, arbitrariamente, as pessoas costumam colocar limites nesses estados).

Rothstein (2004) assume que “ter estágios” é a segunda propriedade capaz de explicar a diferença entre as classes de Vendler. Nós podemos entender essa propriedade assim: um evento tem estágios se ele tem diferentes subeventos que ocorrem em momentos diferentes. Atividades, como denotadas por *correr*, tem subeventos de corrida (os passos rápidos, por exemplo), que, juntos, formam o evento maior de correr. Se forem interrompidos, não tem mais corrida. Por outro lado, *estar deitado* não tem subeventos menores de estar deitado. Não há nada que possamos interromper e o estado acabar. Aqui está, portanto, a diferença básica entre estados e atividades: estas possuem estágios; aqueles, não.

Ainda com relação aos estágios, são eles também que diferenciam os eventos télicos, vistos parágrafos antes. Enquanto situações como *escrever um soneto* têm estágios (como cada palavra ou cada verso do poema), outras como *sair* não os possuem (não há estágios menores que formam uma saída). Assim, ficam diferenciados os accomplishments (com estágios), dos achievements (sem estágios).

Assim, com base nas propriedades [±télico] e [±estágios], Rothstein (2004) propõe a seguinte caracterização para as classes de Vendler, apresentada no quadro 3, a seguir.

CLASSES DE VENDLER - PROPRIEDADES			
Classe	±estágios	±télico	Exemplos
ESTADOS	–	–	<i>ser alto, estar deitado</i>
ACHIEVEMENTS	–	+	<i>sair, vender a casa</i>
ATIVIDADES	+	–	<i>correr, nadar</i>
ACCOMPLISHMENTS	+	+	<i>ler o livro, escrever um soneto</i>

Quadro 3 – Classes de Vendler – aspecto lexical

A partir dessa análise, vamos verificar qual é a relação possível de se estabelecer entre o aspecto lexical e o aspecto gramatical. Em primeiro lugar, as classes vendlerianas aparecem naturalmente com o aspecto perfectivo, como se vê nos exemplos a seguir, com alguma dúvida com relação aos estados.

- (17) a. João esteve deitado/?foi alto. (estado)
 b. João saiu/vendeu a casa. (achievement)
 c. João correu/nadou. (atividade)
 d. João leu o livro/escreveu um soneto (accomplishment)

Ainda que *João foi alto* seja menos aceitável, *João esteve deitado* é perfeitamente possível em PB, o que nos leva a considerar que todas as classes aspectuais aparecem naturalmente no aspecto perfectivo. Por outro lado, ao tratarmos do aspecto imperfectivo, a situação já parece ser mais delicada. Os exemplos a seguir mostram isso.

- (18) a.*João estava estando deitado/*estava sendo alto. (estado)
 b. João estava saindo/#estava vendendo a casa. (achievement)
 c. João estava correndo/estava nadando. (atividade)
 d. João estava lendo o livro/escrevendo um soneto (accomplishment)

Como se vê, os estados são bastante incompatíveis com o aspecto imperfectivo, aqui expresso pelo progressivo. Nesse caso, a restrição vem do fato de estados serem eventos de duração bastante indeterminada e o progressivo exigir que o evento seja mostrado em desenvolvimento (ou em estágios, se preferirmos relacionar com as características das classes).

É também por esse motivo que alguns achievements (18b) têm uma leitura bastante específica quando ocorrem no aspecto imperfectivo. No caso de *sair*, a leitura é de que a mudança de estado estava prestes a ocorrer em um momento específico (quando eu liguei para o João, por exemplo). *Vender a casa*, por sua vez, parece preferir a leitura de “Durante um certo tempo, João estava vendendo a casa”, de modo que o falante pode não saber se a venda foi ou não concretizada. Nesse caso, ao contrário de *sair*, é mais difícil que possamos usar um momento de tópico pontual como *No momento em que liguei, João estava vendendo a casa*. Isso tudo, como dissemos, está relacionado à pontualidade dos achievements, o que, de certa forma, restringe a inclusão de um intervalo de tempo dentro de sua duração, tal como exige o aspecto imperfectivo.

Já atividades (18c) e accomplishments (18d) aparecem naturalmente no progressivo/ imperfectivo, porque, como têm estágios, é possível que possam ser descritas como um evento em desenvolvimento.

Para continuar nossa análise sobre a relação entre os aspectos gramatical e lexical, passemos ao aspecto perfeito. Nesse caso, o que esperamos é que a situação possa se concluir antes de um momento de tópico específico. Se isso estiver correto, podemos hipotetizar que os sintagmas que denotam eventos télicos possam aparecer naturalmente nesse aspecto. Por outro lado, os sintagmas que denotam eventos atélicos poderão sofrer restrições, já que sua delimitação depende de outros fatores, que não a própria natureza da situação. Vejamos os exemplos.

- (19) a.*João tinha estado deitado/*sido alto. (estado)
 b. João tinha saído/vendido a casa. (achievement)
 c.#João tinha corrido/nadado. (atividade)
 d. João tinha lido o livro/escrito um soneto (accomplishment)

De fato, a previsão se concretizou: o aspecto perfeito aparece naturalmente com achievements e accomplishments, que são télicos, ou seja, têm um ponto final natural. Nesse caso, é por expressar a relação de precedência de um intervalo (TSit) em relação a outro (TT), o que exige uma delimitação do evento descrito, que esse aspecto se combina melhor com tais classes. Por outro lado, estados são incompatíveis com o perfeito, por não serem delimitados (e serem difíceis de delimitar, ao mesmo tempo). Já as atividades são mais facilmente delimitadas (implícita ou explicitamente), o que permite que, em contextos específicos, sejam aceitáveis no aspecto perfeito. Seria o caso de *Quando eu falei com o João, ele (já) tinha corrido*.

Olhando os casos do aspecto perfeito, podemos levantar a hipótese de que algo muito semelhante ocorra com o aspecto retrospectivo: os sintagmas que descrevem

eventos télicos aparecem mais naturalmente nesse aspecto, que exige uma relação de precedência imediata do evento em relação ao momento de tópico. Vejamos os exemplos a seguir.

- (20) a. *João acabou de estar deitado/*ser alto. (estado)
 b. João acabou de sair/vender a casa. (achievement)
 c. #João acabou de correr/nadar. (atividade)
 d. João acabou de ler o livro/escrever um soneto (accomplishment)

Como esperado, o aspecto retrospectivo aparece naturalmente com achievements e accomplishments, tal qual ocorre com o aspecto perfeito. Nesse caso, é por expressar a relação de imediatez de um intervalo (TSit) em relação ao outro (TT) que o aspecto retrospectivo é natural com tais classes. Os estados são incompatíveis porque é difícil que forcemos seu término para que seja sucedido imediatamente por um TT. Finalmente, as sentenças com atividades são possíveis nos contextos em que as atividades sejam delimitadas, quer por alguma expressão, quer pelo contexto. É possível dizer algo como *João acabou de correr, por isso não vai querer sair correr com a gente de novo.*¹²

3.2.1 Resumindo

Nesta subseção, aprendemos que o aspecto lexical apresenta características dos sintagmas que expressam eventos nas línguas naturais. Vimos que a presença ou não de estágios e de um ponto final natural são elementos essenciais para a diferenciação das classes aspectuais: estados, achievements, atividades e accomplishments. Em seguida, analisamos de que modo é possível relacionar os aspectos gramatical e lexical e verificamos que nem todas as classes aparecem naturalmente em todos os tipos de aspecto gramatical. O quadro a seguir ilustra a compatibilidade entre os aspectos (OK, para totalmente compatível; *, para totalmente incompatível; e # para restrições contextuais ou parcialmente compatível).

Classe aspectual	Estado	Achievement	Atividade	Accomplishment
Aspecto				
PERFECTIVO	OK	OK	OK	OK
IMPERFECTIVO/ PROGRESSIVO	*	#	OK	OK
PERFEITO/ RETROSPECTIVO	*	OK	#	OK

Quadro 4 – Relações entre aspecto gramatical e lexical

4. Verbos auxiliares

¹² Indicamos Laca (2002; 2004) e Bertucci (2011) para detalhes sobre essa questão.

Nesta seção, vamos analisar algumas questões em torno da semântica de verbos auxiliares em PB. O objetivo é mostrar que uma série de verbos na língua são aptos a contribuir com a expressão de tempo e aspecto nessa língua.

De antemão, é preciso dizer que o processo que leva os verbos a se tornarem auxiliares na língua é bastante lento. Como defende Squartini (1998), a auxiliaridade está ligada ao processo de gramaticalização, ou seja, um item lexical perde, historicamente, valor semântico e ganha independência sintática em relação ao verbo pleno. Aqui, no entanto, vamos deixar a perspectiva diacrônica para nos focar simplesmente nas questões sincrônicas (e semânticas) que envolvem alguns verbos do PB.¹³

Pontes (1973), Perini (2001) e Boff (2003) mostram que os verbos auxiliares têm importantes características semânticas e sintáticas. As primeiras dizem respeito à sua baixa (ou nula) contribuição para o significado da sentença (que ficaria a cargo do verbo principal), sendo responsáveis por carregar os “morfemas de tempo, número e pessoa” (PONTES, 1973: 63) ou mesmo de aspecto (BOFF, 2003). No nível sintático, Pontes (1973) e Perini (2001) defendem que os verbos auxiliares não participam da escolha de argumentos, que fica a cargo do verbo principal. É por isso que, em (21-23), a seguir, *estar* aparece com diferentes sujeitos; já a restrição em (22) se deve ao fato de o sujeito ser incompatível com *ler o livro* e não com *estar*, de modo que (23) confirma essa afirmação.

- (21) a. João leu o livro.
b. João está lendo o livro.
- (22) a. #A pedra leu o livro.
b. #A pedra está lendo o livro.
- (23) a. A pedra caiu.
b. A pedra está caindo.

No caso de (22), há uma restrição semântica em relação ao tipo de sujeito a ser aceito, feita pelo núcleo do sintagma verbal (VP), que seria *ler* (MIOTO; SILVA; LOPES, 2004), e que não aceita um sujeito como *a pedra*. No entanto, *estar* não participa dessa restrição, de modo que ele passa nesse critério de auxiliaridade (23b).

Em segundo lugar, Pontes (1973) afirma que verbos auxiliares não mudam de posição quando há alteração de voz da sentença. Vejamos o caso da alteração de voz das sentenças em (21), nos exemplos em (24), a seguir.

- (24) a. O livro foi lido pelo João.
b. O livro esteve sendo lido pelo João.

Os exemplos acima demonstram que a alteração de voz não altera a posição de *estar*, que é sempre a primeira em uma sequência verbal.

¹³ Wachowicz (2007) diferencia verbos auxiliares de verbos aspectualizadores, considerando o processo de gramaticalização como um dos critérios de distinção. Além de fugir do escopo deste trabalho, não há espaço suficiente para discutirmos, aqui, essa distinção.

Finalmente, Longo e Campos (2002) defendem que a indissociabilidade é um critério fundamental para se identificar um verbo auxiliar. Para as autoras, em uma perífrase (ou locução) verbal, o verbo será auxiliar se formar com o principal um todo indissociável, de modo que a divisão acarrete numa sentença ruim. Vejamos os exemplos a seguir.

- (25) a. João sonhava trabalhar na oficina.
b. João sonhava que trabalharia na oficina.
- (26) a. João estava trabalhando na oficina.
b.*João estava que trabalharia na oficina.

Nesse sentido, o verbo *sonhar*, em (25a), não é um verbo auxiliar, porque não forma um todo com o verbo que o segue, o que pode ser observado em (25b). Por outro lado, os exemplos em (26) mostram que *estar*, sim, forma um todo indissociável com o verbo que o segue, de modo que a divisão proposta em (26b) não forma uma boa sentença em PB.

Depois dessa breve apresentação de auxiliaridade, mais que testar essa classificação para os verbos a seguir, queremos propor uma análise do ponto de vista da sua contribuição semântica. Até aqui, já vimos, por exemplo, que *estar* contribui para a expressão do aspecto imperfectivo (progressivo) quando faz parte da perífrase com gerúndio (27a); vimos que *tiver*+particípio contribui com a expressão do perfeito (27b); que *acabar de*+infinitivo participa da expressão aspecto retrospectivo em PB (27c).

- (27) a. Quando eu cheguei, João estava saindo.
b. Quando eu cheguei, João tinha saído.
c. Neste exato momento, João acabou de sair.

Seguindo a análise vista anteriormente, vamos assumir que os verbos auxiliares acima contribuem para a expressão do aspecto gramatical. Essa constatação é importante porque nos faz supor que os verbos auxiliares tenham contribuição diferente nas perífrases das quais fazem parte.

De fato, essa constatação faz todo sentido quando, por exemplo, observamos os casos de construção de tempo futuro em PB. Considerando o percurso construído até aqui, já concluímos que há verbos auxiliares que contribuem para a construção do tempo e do aspecto gramatical em PB. Em uma das seções precedentes, havíamos questionado qual seria a diferença entre as sentenças em (9), repetidas a seguir, as quais apresentam três formas distintas de expressão do futuro em PB.

- (9) a. O João cantar^á.
b. O João vai cantar.
c. O João irá cantar.

Do ponto de vista semântico, parece-nos que essas sentenças podem ser consideradas sinônimas, o que significa que são verdadeiras sob as mesmas condições. No entanto, há algumas observações que podemos fazer sobre elas. Em primeiro lugar, a sentença em (9a), com a marcação morfológica do futuro, é pouquíssimo usada em PB atualmente. Mesmo em contextos nos quais se deveria usá-la por questões de economia de espaço, como numa manchete de jornal impresso, a preferência é pela construção perifrástica de (9b), como se vê no quadro 5, a seguir.

	
Disponível em: http://s29.postimg.org/vfpmididz/CAPA_GLOB_O_26_01_2015_page_0a.jpg Acesso em 25 jul. 2016.	Disponível em: http://pbs.twimg.com/media/Bs-_DBNCMAEAc8g.jpg Acesso em 25 jul. 2016.

Quadro 5 – Manchetes de jornal – uso do futuro

A construção com o verbo *ir* no presente do indicativo, portanto, é aquela mais comum em PB, inclusive na imprensa, sempre um lugar em que há um certo conservadorismo no uso da língua. Assim, o uso do futuro como (9a) fica restrito a pouquíssimos contextos. Por outro lado, o uso de *irá*+infinitivo, numa aparente redundância de uso, já que o verbo *ir*, por si só, já teria a função de expressar o futuro, mesmo estando no presente (9b), é bastante comum no contexto escolar (em produções de texto).¹⁴ Possivelmente, esse pode ser um caso em que o falante (ou escritor) queira passar um grau de formalidade por meio da expressão, ainda que ela não seja parte da gramática normativa da língua, a qual tem, por tradição, a prescrição do “bom uso” como função principal.

Com tais análises em vista, temos que deixar para o leitor a tarefa de se aprofundar nas questões que regulam o uso dessas expressões em PB. Nosso objetivo é, antes de tudo, instigar a reflexão a fatos como esses. Queremos, sim, passar à análise de outras construções perifrásticas que nos parecem relevantes e interessantes do ponto de vista científico.

Vamos começar pelos chamados verbos de aspecto. Se já observamos que há verbos auxiliares que contribuem para a expressão de aspecto gramatical em PB, a pergunta que caberia agora é: haveria verbos que contribuem para a expressão de aspecto lexical? A resposta é afirmativa. Bertucci (2011) defende que verbos como *começar*, *passar*, *parar* e *deixar*, entre outros, carregam características de auxiliar de aspecto lexical, em casos como (28-29).

¹⁴ Parto aqui de observações particulares e da conversa sobre o tema com colegas professores e com os próprios alunos.

- (28) a. João começou a correr.
b. João passou a correr.

- (29) a. João parou de correr.
b. João deixou de correr.

Num primeiro olhar para as sentenças acima, o falante de PB poderia considerar que a contribuição semântica dos verbos auxiliares, em cada par de sentenças, é a mesma. Em outras palavras, *começar* e *passar* seriam sinônimos, assim como *parar* e *deixar*. No entanto, o que o autor mostrou na ocasião é que há contextos em que os verbos acima aparecem mais naturalmente que seu correspondente mais próximo. Por exemplo, (30a) é mais comum que (30b), enquanto (31a) é mais natural que (31b). Por que isso ocorreria?

- (30) a. João começou a correr neste exato momento.
b. João passou a correr neste exato momento.

- (31) a. João começou a ser brasileiro com a naturalização.
b. João passou a ser brasileiro com a naturalização.

Bertucci (2011) defende que, enquanto *começar* é um verbo relativo a eventos que têm estágios, *passar* é relativo a eventos estativos ou habituais. Em outras palavras, como a perífrase verbal *começar a*+infinitivo teria a função de indicar o início de um evento, este precisaria ter estágios, o que é típico de atividades e accomplishments, conforme vimos nas características do aspecto lexical. Por outro lado, como a perífrase *passar a*+infinitivo teria a função de indicar o início de um estado (ou hábito), o evento que inicia tem que ser um estado em si (*ser brasileiro*, por exemplo), ou demonstrar um hábito (*passou a correr 2h por dia*, por exemplo).

Mutatis mutandis é o que ocorre com *parar* e *deixar*: Enquanto a perífrase com o primeiro verbo contribui para a expressão de uma interrupção de um evento com estágios (32a), a perífrase com *deixar* expressa o abandono de uma situação com características estativas (33b).

- (32) a. João parou de correr neste exato momento.
b. João deixou de correr neste exato momento.

- (33) a. João parou de ser brasileiro depois da naturalização.
b. João deixou de ser brasileiro depois da naturalização.

Como se vê, os verbos aspectuais aqui analisados parecem estar mais envolvidos com questões de aspecto lexical. O último argumento para defendermos essa hipótese, presente já em Laca (2002; 2004), é sintático: há uma ordenação rígida entre tais verbos na língua. Por esse argumento, cada verbo (ou perífrase) ocuparia um lugar na estrutura sintática de uma língua, de modo que os verbos de aspecto gramatical devem aparecer sempre antes dos verbos de aspecto lexical, pois ocupariam uma posição mais alta na estrutura. De fato, é o que constatamos nos exemplos (34-35), a seguir.

- (34) a. Quando cheguei no parque, o João já *tinha parado de* correr.
 b.*Quando cheguei no parque, o João *parou de ter* corrido.

Claramente, observamos que o auxiliar de aspecto gramatical (*ter*) precisa anteceder o auxiliar de aspecto lexical (*parar*), o que obedece à ordenação sintática que esses verbos ocupam em línguas como o PB. Essa ordenação é tão importante que, além da ordenação entre verbos de aspectos diferentes, há ainda a necessidade de que verbos auxiliares de tempo sejam sempre os primeiros de uma sequência. No caso do PB, é o que ocorre com *ir*+infinitivo, como podemos notar nos exemplos a seguir, em (35).

- (35) a. Quando eu chegar no parque, o João já *vai ter parado de* correr.
 b.*Quando eu chegar no parque, o João *parou de ir ter* corrido.
 c.*Quando eu chegar no parque, o João *parou de ter ido* correr.

Para finalizar o caso dos verbos auxiliares, vamos apresentar dois auxiliares que têm questões bastante específicas e interessantes em PB: *andar* e *chegar*. O primeiro poderia ser associado facilmente a uma noção de repetição (36a), segundo a proposta de Laca (2006) para o mesmo verbo em espanhol. No entanto, o exemplo em (36b) fere esse princípio da proposta da autora, já que a perífrase com esse verbo em PB aparece naturalmente num contexto singular.

- (36) a. Ultimamente, o João anda correndo 2h por dia.
 b. Recentemente, o João andou comprando um carro.

Enquanto em (36a) a noção de repetição parece clara, em (36b) essa ideia parece desaparecer, já que a compra de um carro é um evento único. Portanto, a pergunta que poderíamos fazer é: qual a contribuição de *andar* para o significado da sentença, se a noção de iteratividade (repetição) não pode ser mantida?

Para uma resposta mais fácil e rápida, o leitor poderia propor que há dois verbos *andar* em PB. No entanto, essa saída é indesejável, porque parece haver algo de comum nas duas sentenças acima com *andar*. Uma saída possível é associar o verbo a uma noção aspectual e apresentar as diferenças entre (36a) e (36b) a partir da relação que *andar* tem com o evento que segue. Em outras palavras, a noção de *repetição* não precisa ser atribuída a *andar*, mas ao evento de *João correr 2h por dia* e também ao próprio uso do presente (como já vimos); por outro lado, a noção de singularidade não seria, também, papel de *andar*, mas de *João comprar um carro* e também do uso do perfectivo (como já vimos). Em Bertucci (2015), propomos que esse verbo exija um TT extenso, mas sem especificação precisa, a fim de inserir um evento (repetido ou não) nesse intervalo. Em outras palavras, sua contribuição está mais para uma não pontualidade do TT, que na repetição do evento, ao contrário do que ocorre em espanhol (LACA, 2006).¹⁵

Agora, vamos partir das sentenças em (37) para propor uma análise sobre o verbo *chegar*.

- (37) a. Na festa, o João bebeu refrigerante.

¹⁵ Para mais detalhes sobre a análise de *andar*, indicamos Bertucci (2015).

b. Na festa, o João chegou a beber refrigerante.

Qualquer falante nativo do PB sabe que as sentenças em (37) não são sinônimas. Por outro lado, é bastante difícil atribuir algum significado próprio a uma e outra sentença. Isso ocorre porque, do ponto de vista das condições de verdade das sentenças, o que ambas exigem é que João tenha bebido refrigerante durante a festa. E só.

No entanto, o que Bertucci (2007) observa, é que *chegar*+infinitivo é uma perífrase cuja contribuição parece ser mais pragmática que semântica. Para o autor, uma sentença com *chegar*, como (37b), apresenta um item que, do ponto de vista contextual, é o menos esperado no contexto, a partir de uma escala ali construída. Podemos acrescentar a essa análise que, sendo verdade que tal perífrase indica o item menos esperado e, por isso, pragmaticamente mais relevante (mais informativo) na escala, basta apenas indicarmos qual é esse item na sentença, o que ocorre por meio de indicação prosódica. Tentamos mostrar tal indicação por meio dos sintagmas em caixa alta a seguir.

- (38) a. Na festa, o JOÃO chegou a beber refrigerante.
b. Na festa, o João chegou a beber REFRIGERANTE.

A sentença em (38a) nos mostra que, dentre os que estavam na festa, o João parece ser a pessoa menos esperada para beber refrigerante. Assim, se havia a Maria, o Pedro e mais várias pessoas, as quais criam a escala contextual, o item *chegar* aponta para o mais informativo no contexto, no caso, o João. Por outro lado, a sentença em (38b) indica que João fez diversas ações e tomou várias bebidas, sendo refrigerante a menos esperada numa escala de probabilidade do que João poderia tomar. Como se vê, é preciso conhecer um pouco da vida ou das expectativas para que sentenças com *chegar* sejam perfeitamente interpretáveis. Por isso, parece estar correta a ideia de que a contribuição da perífrase com esse verbo seja pragmática.

4.1 Resumindo

Nesta seção, analisamos uma série de questões importantes sobre verbos auxiliares em PB, partindo, claro, de uma definição básica de auxiliaridade em linguística. Como vimos, tais verbos servem a propósitos distintos, como contribuir com a expressão do tempo, do aspecto gramatical, lexical e mesmo com questões no nível da pragmática. O quadro a seguir agrupa algumas das conclusões a que chegamos na seção, a partir da análise desses verbos (e suas perífrases).

Perífrase	Contribuição	Classe de contribuição
<i>Estar</i> +gerúndio	Aspecto imperfectivo/progressivo	Aspecto Gramatical
<i>Tinha</i> +particípio	Aspecto perfeito	
<i>Acabar de</i> +infinitivo	Aspecto Retrospectivo	
<i>Ir</i> +infinitivo	Tempo futuro	Tempo
<i>Irá</i> +infinitivo	Tempo futuro (redundância)	

<i>Começar a</i> +infinitivo	Início (estágios)	Aspecto Lexical
<i>Passar a</i> +infinitivo	Início (estados/hábitos)	
<i>Parar de</i> +infinitivo	Interrupção (estágios)	
<i>Deixar de</i> +infinitivo	Abandono (estados/hábitos)	
<i>Chegar a</i> +infinitivo	Indicação do item mais informativo numa escala	Pragmática

Quadro 6 – Contribuição de alguns verbos auxiliares em PB

5. Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo principal discutir a categoria tempo, no nível semântico, levando em conta algumas propostas teóricas a respeito de tempo verbal e aspecto nas línguas naturais, especialmente em PB. De modo geral, tentamos tornar as questões desse campo um pouco mais acessíveis àqueles que pretendem desenvolver trabalhos sobre a temática e, por que não dizer, apresentar, de forma didática, um percurso possível de estudo para se trilhar nas análises. Além de apresentar temas importantes, acreditamos ter contribuído com as discussões na área a partir de referenciais teóricos nem sempre conhecidos a todos aqueles que tomam o tempo das línguas como objeto de estudo.

Por razões óbvias de tempo e espaço, não foi possível trazer detalhes de vários subtópicos relativos ao tema, especialmente aqueles referentes aos verbos modais. Por outro lado, acreditamos, também, que a discussão sobre modalidade merece um trabalho a parte, que leve em conta toda uma referência especializada no tema e que, não necessariamente, tenha relação direta com as questões de tempo e aspecto verbal aqui apresentadas.

6. Agradecimentos

Agradeço aos dois pareceristas anônimos da revista *Cadernos do IL* que contribuíram para que eu melhorasse vários pontos neste trabalho. Os problemas que persistem são de minha inteira responsabilidade.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. 19. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

BERTUCCI, Roberlei Alves. A auxiliaridade do verbo chegar em português brasileiro. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Dissertação de mestrado. Curitiba, 2007.

_____. Uma análise semântica para verbos aspectuais em português brasileiro. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo, 2011.

_____. O sentido produzido pelo auxiliar/cópula ‘andar’ em português brasileiro. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 139-167, 2015.

BOFF, Raquel Lucy. Em busca de uma análise sintático-semântica para construções com o verbo começar no português brasileiro. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Dissertação de mestrado. Curitiba, 2003.

CASTILHO, A. Aspecto verbal no português falado. In: ABAURRE, M. B.; RODRIGUES, A. C. S. (orgs.). *Gramática do português falado*. v. 8. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002, p. 83-121.

CASTILHO, A. Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. *Alfa*, v.12, p.7-135, 1967.

COMRIE, Bernard. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

FERREIRA, Marcelo. The semantics ingredients of imperfectivity in progressives, habituals, and counterfactuals. *Natural Language Semantics* (2016) 24: 353-397.

http://s29.postimg.org/vfpmididz/CAPA_GLOBO_26_01_2015_page_0a.jpg Acesso em 25 jul. 2016.

http://pbs.twimg.com/media/Bs-_DBNCMAEAc8g.jpg Acesso em 25 jul. 2016.

ILARI, R. *A expressão do tempo em português*. São Paulo: Contexto, EDUC, 1997.

KLEIN, Wolfgang. *Time in language*. London: Routledge, 1994.

LACA, Brenda. Spanish ‘aspectual’ periphrases: Ordering constraints and the distinction between situation and viewpoint aspect. In: GUTIÉRREZ-REXACH, J. (Ed.). *From words to discourse: trends in Spanish semantics and pragmatics*. Oxford: Elsevier, 2002. p. 61-93.

_____. Romance ‘aspectual’ periphrases: eventuality modification versus ‘syntactic’ aspect. In: LECARME, J.; GUÉRON, J. (Ed.). *The Syntax of Time*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2004. p. 425-440.

_____. Indefinites, quantifiers, and pluractionals: what scope effects tell us about events pluralities. In: VOGELEER, S.; TASMOWSKI, L. (Ed.). *Non-definiteness and plurality*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2006.

LONGO, B.; CAMPOS, O. de S. A auxiliabilidade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (Org.). *Gramática do Português Falado*. v. VIII, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002. p. 445-477.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth. *Novo manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2004.

- MÜLLER, Ana. Distributividade: o caso dos numerais reduplicados em karitiana. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, (54:2), jul.dez. 2012, p. 223-243.
- PERINI, Mário. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- PERINI, M. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- PONTES, Eunice. *Verbos auxiliares em português*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- REICHENBACH, Hans. *Elements of symbolic logic*. New York: The MacMillan Company, 1947.
- ROTHSTEIN, Susan. *Structuring Events*. Oxford: Blackwell, 2004.
- SMITH, Carlota. *The parameter of Aspect*. 2. ed. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1997.
- SQUARTINI, Mário. *Verbal Periphrases in Romance: aspect, actionality and grammaticalization*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter. 1998.
- TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 4.ed. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2006.
- VENDLER, Zeno. Verbs and times. *Philosophical Review*, n. 56, p. 143-160, 1957.
- _____. *Linguistics in Philosophy*. Ithaca: Cornell University Press, 1967.
- WACHOWICZ, Teresa Cristina. Auxiliary and Aspectualizer verbs: some syntactic and semantic distinctions. *Revista Letras*: Curitiba, n. 73, p. 223-234, set./dez. 2007.
- _____. Telicidade e classes aspectuais. *Revista do Gel*, v. 5, n. 1, p. 57-68, 2008.
- _____; FOLTRAN, Maria José. Sobre a noção de aspecto. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 48, p. 211-232, 2006.